

Yonara Borges Silva

**Categorização emocional de mulheres objetificadas sexualmente
e sua relação com fatores sociocognitivos**

Uberlândia

2024

Yonara Borges Silva

**Categorização emocional de mulheres objetificadas sexualmente
e sua relação com fatores sociocognitivos**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Instituto de Psicologia da Universidade Federal
de Uberlândia, como requisito parcial para a
obtenção do Título de Bacharel em Psicologia
Orientador: Leonardo Gomes Bernardino

Uberlândia

2024

Yonara Borges Silva

**Categorização emocional de mulheres objetificadas sexualmente
e sua relação com fatores sociocognitivos**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Psicologia
Orientador: Leonardo Gomes Bernardino

Banca Examinadora

Uberlândia, 18 de abril de 2024

Prof. Dr. Leonardo Gomes Bernardino (Orientador)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia-MG

Profª. Dra. Renata Ferrarez Fernandes (Examinadora)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia-MG

Dra. Yara Magalhães dos Santos (Examinadora)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia-MG

Uberlândia
2024

Agradecimentos

Agradeço imensamente aos meus pais, Maria Amélia e Aparecido, pelo amor, incentivo, e pelos esforços investidos em minha formação. Agradeço também aos meus irmãos, Felipe e Pedro, por todo o apoio, cuidado e carinho que têm comigo.

À minha avó, Luzdalma, que é minha inspiração e que me fortaleceu nos momentos em que mais precisei. A sua recente partida deixou muita saudade, mas carrego todo o amor, ensinamentos de vida e o cuidado que teve comigo.

À minha namorada, Ana Beatriz, pelo companheirismo, amor e por me incentivar a buscar meus sonhos.

Às minhas amigas, Nayara, Camila e Carolayne, por proporcionarem momentos de conversas e descontração. O nosso compartilhamento de experiências, alegrias e angústias foi essencial para que a vida fosse mais leve e a graduação mais possível.

Aos meus amigos de Jataí que estiveram ao meu lado, em especial ao Cleuber, expresso minha gratidão pelo apoio, carinho, escuta e troca de experiências.

Ao meu orientador, Leonardo, pelos ensinamentos, acolhimento e compromisso demonstrados ao longo da realização deste trabalho.

Resumo

Os estereótipos de gênero são baseados na construção histórica, econômica, social e biológica dos conceitos de masculinidade e de feminilidade, definindo um status inferior para as mulheres. Um processo sociocognitivo associado ao preconceito é a desumanização que, no caso das mulheres, manifesta-se em sua objetificação sexual e, conseqüentemente, na dificuldade de reconhecer suas emoções. Frente ao exposto, o presente estudo teve por objetivo investigar o reconhecimento de expressões emocionais em imagens com mulheres representadas de maneira objetificada e não-objetificada, bem como sua relação com o sexismo ambivalente e a orientação à dominância social. Para tal, trinta e três (33) estudantes universitários (17 do sexo masculino) com idade média de 22,8 anos (DP = 3,36) responderam a instrumentos de autorrelato (Inventário de Sexismo Ambivalente e versão reduzida da Escala de Orientação à Dominância Social – 7) e realizaram uma tarefa de categorização emocional de imagens com mulheres objetificadas e não-objetificadas (banco de imagens Sexual Objectification and EMotion, SOBEM). Os resultados indicaram limiares de categorização maiores na condição Objetificação em comparação com a condição Não-Objetificação para a emoção de Alegria, no entanto, padrão oposto foi observado para a emoção Raiva. Para algumas condições experimentais também foram observadas correlações positivas e significativas entre o limiar de categorização e as dimensões de Sexismo Benevolente, Dominância e Anti-Igualitarismo. Esses achados mostram a importância de fatores sociocognitivos na compreensão do fenômeno da objetificação e da desumanização das mulheres, podendo auxiliar no planejamento de ações para reduzir as diversas formas de violência e de desigualdade de gênero.

Palavras-chave: Objetificação sexual; Categorização de emoção; Preconceito; Gênero; Orientação à dominância social.

Abstract

Gender stereotypes are based on the historical, economic, social and biological construction of the concepts of masculinity and femininity, defining an inferior status for women. A socio-cognitive process associated with prejudice is dehumanization which, in the case of women, manifests itself in their sexual objectification and, consequently, in the difficulty of detect their emotions. Thus, the present study aimed to investigate the recognition of emotional expressions in images with women represented in an objectified and non-objectified way, as well as their relation with ambivalent sexism and the Social dominance orientation. For this, thirty-three (33) university students (17 male) with an average age of 22.8 years ($SD = 3.36$) responded to self-report instruments (Ambivalent Sexism Inventory and reduced version of Social Dominance Orientation Scale – 7) and performed an emotional categorization task of images with objectified and non-objectified women (Sexual Objectification and EMotion image database, SOBEM). The results indicated higher categorization thresholds in the Objectification condition compared to the Non-Objectification condition for the emotion of Happy, however, an opposite pattern was presented for the emotion Anger. For some experimental conditions, positive and significant correlations were also observed between the categorization thresholds and the dimensions of Benevolent Sexism, Dominance and Anti-Egalitarianism. These results show the importance of socio-cognitive factors in understanding the objectification and dehumanization of women, which can help in planning actions to reduce various forms of violence and gender inequality.

Keywords: Sexual objetification; Emotion categorization; Prejudice; Gender; Social Dominance Orientation

Sumário

1. Introdução	8
2. Método	13
2.1. Participantes	13
2.2. Material e Equipamento	13
2.3. Procedimento	16
2.4. Análise de Dados	17
3. Resultados	19
4. Discussão	24
5. Referências	31

1. Introdução

Na Psicologia Social, um grupo corresponde a um aglomerado de pessoas que mantêm interações ao longo do tempo, que têm a percepção do grupo como algo real e a de si próprio como pertencente. Ademais, podemos dizer que os seus membros vivenciam relações afetivas entre si, seguem normas internas e ocupam papéis sociais. A percepção de pertencimento a um grupo emerge de um processo de categorização que distingue o meu grupo (endogrupo) do outro grupo (exogrupo), com base em critérios concretos e/ou abstratos (Torres & Neiva, 2023). A categorização implica em um processo de diferenciação, o qual é pautado em uma visão positiva do meu grupo e negativa do outro, o que faz com que o indivíduo busque um grupo que promova uma identidade social construtora da sua autoestima e de uma autoimagem positiva (Tajfel & Turner, 1979).

Destaca-se ainda que a categorização se associa a dois fenômenos de grupo amplamente descritos na literatura. O primeiro deles é o efeito da homogeneidade do outro grupo (exogrupo), que é a tendência de perceber os membros dos outros grupos como muito semelhantes. O segundo é o efeito da tendenciosidade no meu grupo (exogrupo), que é a tendência em julgar o comportamento de membros do nosso grupo de maneira favorável e dos membros do outro grupo de maneira desfavorável. Dessa forma, as generalizações positivas e/ou negativas direcionadas ao exogrupo e ao endogrupo produzem uma percepção do mundo simplificada.

Esses processos avaliativos (ou atitudes) são constituídos por componentes afetivos, cognitivos e comportamentais, os quais subjazem os estereótipos e os preconceitos, podendo resultar em ações discriminatórias (Lopes et al., 2018). Os estereótipos são estruturas cognitivas constituídas por conhecimentos e expectativas acerca dos agrupamentos humanos, sendo assim um componente referente à dimensão do “socialmente aprendido” envolvendo o preconceito (Lima, 2020). Nota-se, ainda, que os estereótipos podem se desenvolver com base

em características inerentes ao indivíduo (etnia, raça, sexo, gênero, orientação sexual, dentre outros) e também de sua afiliação a grupos (profissão, orientação política, religião, dentre outros).

Com relação aos estereótipos de gênero, estes são baseados na construção histórica, econômica, social e biológica dos conceitos de masculinidade e de feminilidade, os quais estariam inclusive associados a traços de personalidade (Formiga et al., 2002; Melo et al., 2014). Por exemplo, propaga-se culturalmente que indivíduos independentes, racionais e agressivos possuem traços masculinos e, em contraste, que indivíduos amorosos, sensíveis e delicados possuem traços femininos. Ademais, os estereótipos de gênero definem um status inferior para as mulheres, com uma visão negativa e desfavorável às suas aptidões e ao seu papel na sociedade, culpabilizando-as por suas desvantagens sociais e econômicas (Connor & Fiske, 2019). O resultado é o sexismo (ou preconceito contra as mulheres), que incentiva a perpetuação das desigualdades de gênero e que está na base dos comportamentos de discriminação, cuja forma mais radical leva à violência contra a mulher (Peixoto & Nobre, 2015).

Atualmente, o sexismo possui um caráter ambivalente, pois as normas sociais indicam que é pouco aceitável a expressão livre de estereótipos negativos relacionados ao gênero no contexto brasileiro. Nesse sentido, os avanços nas políticas igualitárias favorecem a consolidação dessas normas por exemplo, a Lei nº 14.611 (2023) que regulamenta a igualdade salarial e de critérios remuneratórios. No entanto, o preconceito dirigido às mulheres, infelizmente, ainda é uma realidade. Assim, o sexismo se apresenta em duas formas principais: a hostil e a benévola (Glick & Fiske, 1996, 2001). A primeira refere-se a uma visão da mulher como alguém que almeja tomar o poder e controlar o homem, sendo uma forma de preconceito mais aberta e direta. Por outro lado, a segunda forma representa a mulher como alguém que

deve ser protegida, pura e que o homem precisa do seu amor para ser completo, sendo um preconceito mais velado e sutil, o que o torna mais difícil de ser percebido e combatido.

Uma teoria bastante interessante para explicar os mecanismos subjacentes do preconceito, em geral, e do preconceito de gênero, em particular, é a Teoria da Ameaça Intergrupo. Nesta, ao analisar dois grupos, sendo um deles majoritário e o outro minoritário, propõe dois tipos de ameaça: a realista e a simbólica, sendo a primeira relacionada aos recursos e ao poder e a segunda, à cultura e aos valores (Rios et al, 2018). Dessa forma, os estereótipos negativos e a ansiedade grupal são indicadores que estimulam tal posicionamento preconceituoso. Além disso, a Teoria da Dominância Social indica que a opressão intergrupar tem como ferramenta de discriminação o uso de ideologias que causam a manutenção da desigualdade de grupos, em que essas ideologias funcionam como mitos que justificam a hierarquização (Pratto et al., 1994). Assim, pode-se notar a relação de ambas as teorias com o sexismo, pois o preconceito com a mulher em relação às suas capacidades leva ao comportamento caracterizado ora pela ameaça realista, ora pela ameaça simbólica, além de se pautar em discriminações não justificáveis.

Um processo sociocognitivo associado ao preconceito é a desumanização, que envolve perceber o outro como distante ou desconectado dos outros indivíduos de nossa espécie, resultando numa percepção deste como menos humano (Haslam, 2022) e favorecendo a violência contra esse indivíduo ou grupo a que ele pertence ou representa (para uma crítica, ver Over & Cook, 2022). Uma das manifestações da desumanização dirigida às mulheres é a objetificação sexual. Segundo Fredrickson e Roberts (1997), esta ocorre quando a mulher é tratada como um corpo que é apreciado majoritariamente pelo seu uso e para gerar prazer aos outros, i.e., o corpo da mulher é desvinculado de sua pessoa, não considerando sua experiência emocional como relevante ou importante (Cardoso, 2019). Quando uma mulher é objetificada, o observador tende a prestar menos atenção no seu rosto, o que dificulta o reconhecimento e a

categorização de emoções (Ruzzante et al., 2022). No entanto, as expressões faciais proporcionam a transmissão de uma informação e o reconhecimento dessas são necessárias para respostas adaptativas ao social e para o bem-estar (Barros et al., 2023). Assim, a objetificação promove um prejuízo as interações sociais, já que a face é uma importante ferramenta para a comunicação não-verbal tal como foi proposto pelos autores supracitados.

A objetificação sexual é muito mais frequente com as mulheres do que com os homens, o que pode ser verificado por sua representação nas mídias visuais, em que o retrato da mulher tem um enfoque maior em seu corpo (Carvalho, 2017; Oliveira et al., 2020). Dessa forma, existe uma tendência a objetificar as mulheres, que é propagada pela mídia, pela cultura e pela sociedade como um todo, a qual naturalizou a visão de mulheres como fonte de prazer, além da criação de uma relação entre beleza e sucesso. Heflick et al. (2011) avaliaram que a indução à objetificação por meio do foco na aparência dos indivíduos diminui as características tidas como humanas (cordialidade, moral e competência) das mulheres, mas não as dos homens. As imagens apresentadas na pesquisa não eram explicitamente sexualizadas, mesmo assim a objetificação se fez presente em condições mínimas de sexualização, o que é análogo aos enfrentamentos diários das mulheres.

No mesmo sentido, a pesquisa de Loughnan et al. (2010) afirma que quando uma pessoa é objetificada é também despersonalizada, ou seja, são negadas a ela a possibilidade de possuir uma mente e status moral. Dentro deste mesmo estudo, concluíram que pessoas objetificadas são colocadas como menos sensíveis a dor, ou seja, são minimizados o seu sofrimento. Somado a isso, a literatura nos demonstra relações existentes entre cultura, meio social e fatores econômicos como perpetuadores da objetificação. O aumento da sexualização e da busca por melhorias na aparência física são mais evidentes em locais com maior desigualdade econômica e especificamente mais forte em países desenvolvidos (Blake et al., 2018).

Posto isso, a objetificação sexual se mostra como um grande impacto negativo nas mulheres, já que o reconhecimento e categorização das emoções são dificultados. Com base nos artigos apresentados, existe uma relação entre objetificação sexual, desumanização, despersonalização e diminuição da sensibilidade à dor. Outrossim, a escassez da literatura sobre estudos que relacionam a objetificação sexual da mulher e o reconhecimento de emoções (Ruzzante et al., 2022) justifica a presente pesquisa. Tal lacuna se apresenta maior no contexto brasileiro, já que desconhecemos até o momento estudos nacionais com essa temática. Ademais, a necessária compreensão da relação entre objetificação e desumanização se apresenta como uma possibilidade de pesquisa (Pecini, 2023). Dessa maneira, a investigação da objetificação possibilita repensar sobre preconceitos, dominação existente na sociedade contemporânea e consequências atreladas, como a violência e assédios, dando suporte a intervenções mais contundentes no caminho à igualdade de gênero.

Assim, o presente estudo teve por objetivo investigar o reconhecimento de expressões emocionais em imagens com mulheres representadas de maneira objetificada e não objetificada, bem como sua relação com medidas explícitas de preconceito de gênero. A hipótese principal do estudo é a de que o limiar de categorização emocional será maior na condição Objetificação do que na condição Não-Objetificação e também será maior nos indivíduos com maiores escores nas escalas de sexismo ambivalente e de orientação à dominância social.

2. Método

2.1. Participantes

Participaram do estudo trinta e três (33) adultos (17 do sexo masculino), com idade média de 22,8 anos (DP = 3,36). A amostra foi obtida por conveniência, com o convite para participação sendo divulgado em panfletos afixados em diferentes campi da Universidade Federal de Uberlândia e também publicado em redes sociais. A Tabela 1 apresenta as características da amostra. Antes de iniciar sua participação no experimento, todos os voluntários assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFU (CAAE: 69668623.2.0000.5152), conforme as normas vigentes no Brasil sobre experimentos com humanos.

2.2. Material e Instrumentos

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário semiestruturado com informações relativas aos dados sociodemográficos (idade, sexo, estado civil, raça, anos de escolaridade, posicionamento político e status social percebido). Para a construção das tarefas experimentais (categorização emocional) foi utilizado o programa PsychoPy 3.0 (<https://www.psychopy.org/>, Peirce et al., 2019).

Para a tarefa de categorização emocional, as imagens de mulheres objetificadas e não-objetificadas sexualmente foram selecionadas do banco de imagens *The Sexual OBjectification and EMotion* (SOBEM), de acesso livre e gratuito (Ruzzante et al., 2022). Este banco de imagens é constituído por 280 fotos de alta-resolução com dez modelos femininas, em condição de objetificação sexual (com grande exposição de pele, parte superior do corpo de sutiã) e de não-objetificação (com baixa exposição da pele, parte superior do corpo completamente vestida), com expressões faciais de emoção (neutra, alegria, raiva e tristeza) em diferentes intensidades (alta e baixa). Foram selecionadas quatro modelos (4, 5, 9 e 10) do SOBEM, em

suas versões com o cabelo preso, objetificadas e não-objetificadas e com as expressões emocionais de alegria e de raiva em alta intensidade, bem como com a expressão neutra.

Tabela 1

Caracterização da Amostra (n = 33).

Variável sociodemográfica	n	%
Gênero		
Feminino	16	48,5
Masculino	17	51,5
Região onde nasceu		
Centro-Oeste	6	18,2
Nordeste	2	6,1
Sudeste	23	69,7
Sul	2	6,1
Estado civil		
Casado(a) / União estável / Amasiado(a)	1	3,0
Solteiro(a)	32	97,0
Raça		
Amarelo	1	3,0
Branco	24	72,7
Pardo	6	18,2
Preto	2	6,1
Nível de escolaridade		
Ensino médio completo	3	9,1
Ensino superior incompleto	26	78,8
Ensino superior completo	4	12,1
Renda Familiar		
Entre R\$ 500,00 e R\$ 1.000,00	2	6,1
Entre R\$ 1.000,00 e R\$ 2.000,00	11	33,3
Entre R\$ 2.000,00 e R\$ 4.000,00	17	51,5
Mais de R\$ 4.000,00	3	9,1
Posicionamento político¹		
Conservador	2	6,3
Progressista	30	93,8

Nota: ¹Um participante não respondeu sobre seu posicionamento político

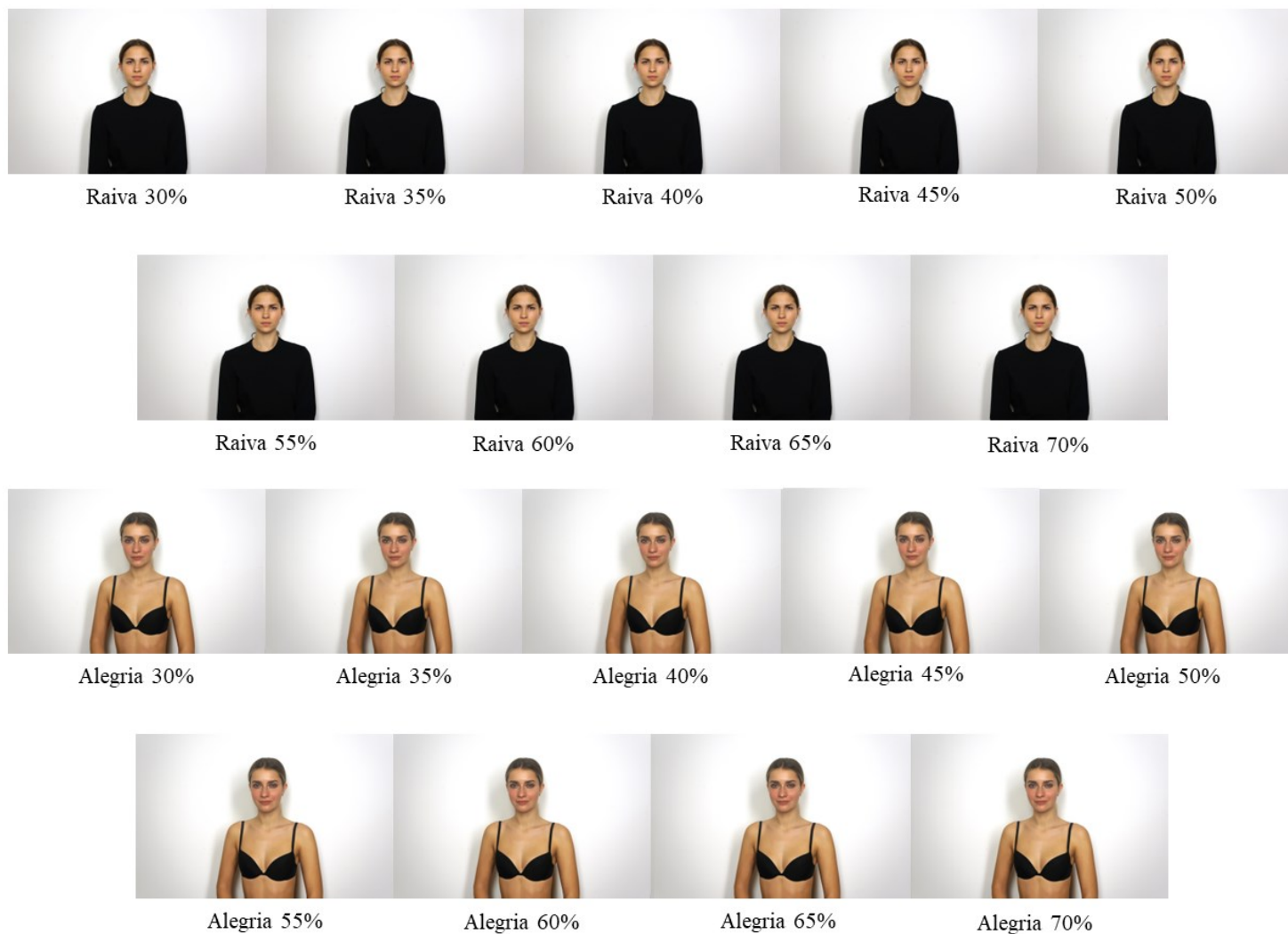
Com o auxílio do programa Abrosoft Fantamorph Deluxe 5.0, foram produzidos vídeos com a técnica de morphing, nos quais as imagens de cada modelo e em cada condição de objetificação foram interpoladas em dois contínuos emocionais (neutra-raiva e neutra-alegria).

As imagens foram marcadas com 150 pontos aproximadamente, distribuídos entre a face e o corpo, para a produção de transições suaves entre a expressão neutra e a expressão emocional. A partir dos vídeos, foram extraídas imagens do contínuo emocional em 9 níveis espaçados linearmente, com diferença de 5% entre os níveis. Foram selecionados os níveis intermediários no contínuo: 30%, 35%, 40%, 45%, 50%, 55%, 60%, 65% e 70%. Assim, 144 imagens foram produzidas para o experimento (4 modelos x 2 emoções x 2 condições de objetificação x 9 níveis). As imagens foram apresentadas em um quadrante de 400×400 pixels. A largura das imagens tinha um tamanho aproximado de 4,7 graus de ângulo visual ao considerar uma tela de 13,3 polegadas a 40 cm de distância do participante. Para exemplos das imagens utilizadas no experimento, ver Figura 1.

Também foram utilizadas duas escalas de autorrelato. A primeira foi o Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA, Formiga et al., 2002), que consiste em 22 itens que avaliam as dimensões sexismo hostil e sexismo benevolente. A avaliação é feita em uma escala Likert de 5 pontos (de "discordo totalmente" a "concordo totalmente"), sendo que uma pontuação mais alta indica uma maior concordância com as atitudes sexistas avaliadas. O índice de consistência interna do fator sexismo hostil foi de 0,77 e do fator sexismo benevolente foi de 0,66. A segunda foi a versão reduzida da Escala de Orientação à Dominância Social - 7 (SDO7, Vilanova et al., 2022), que é composta por 8 itens com dois fatores dominância (preferência por hierarquias grupais em que há clara opressão a grupos subordinados) e anti-igualitarismo (preferência pela desigualdade entre grupos, rejeitando políticas públicas que a reduzam). As respostas variam em uma escala tipo Likert de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). O instrumento apresentou boa consistência interna em seus dois fatores (0,82 e 0,85, respectivamente).

Figura 1

Imagens do contínuo emocional de (a) raiva na condição de não-objetificação sexual e de imagens do contínuo emocional de (b) alegria na condição de objetificação sexual.

**2.3. Procedimento**

No convite para participação na pesquisa, que foi publicado em redes sociais e afixado em diferentes campi da UFU, havia um QR code que direcionava para um formulário. Neste, os objetivos da pesquisa eram apresentados e os interessados escreviam seu e-mail e sua disponibilidade de horário. A partir deste registro inicial, os pesquisadores enviavam um e-mail para agendar a sessão experimental, que foi realizada no laboratório de Psicologia

Experimental do Instituto de Psicologia da UFU. Após a leitura do TCLE e, mediante a concordância com as informações nele contidas, o participante assinava o TCLE em duas vias.

A sessão experimental iniciava com o preenchimento do questionário semiestruturado com os dados sociodemográficos. Em seguida, o participante respondia aos instrumentos de autorrelato (ISA e SDO-7) e realizava a tarefa de categorização emocional, em ordem aleatória. Na tarefa de categorização emocional, o participante recebeu as instruções da tarefa na tela do computador e realizou um breve treinamento de 6 tentativas com imagens de uma modelo diferente (7) e nos extremos do continuum emocional. Cada tentativa começava com o participante pressionando a barra de espaço em uma tela inicial, seguida por um ponto de fixação central, com tempo de apresentação de 500 ms. Na sequência, uma imagem era apresentada por 250 ms e o participante respondia pelo teclado do computador se a face da imagem continha uma expressão emocional. Em caso afirmativo (“sim, tem uma emoção”), a resposta era dada pela tecla “s”. Em caso negativo (“não tem emoção”), a resposta era dada pela tecla “n”. Cada estímulo foi apresentado 4 vezes, totalizando 576 tentativas. A tarefa tinha uma duração aproximada de 20 minutos.

2.4. Análise de dados

As variáveis do estudo foram os escores parciais e totais de sexismo ambivalente (ISA) e de orientação à dominância social (SDO-7). Na tarefa de categorização emocional, para cada participante, os dados de frequência da resposta “sim, tem uma emoção” nos níveis de morphing foram ajustados a uma curva normal acumulada. A partir desta foi calculado o nível de morphing que está associado ao maior grau de incerteza de resposta (i.e., 50% de resposta “sim, a face apresenta emoção”). Esse índice é utilizado como um limiar de categorização. Para todas essas variáveis foram calculadas as médias e os desvios-padrão, as quais foram submetidas à correlação de Pearson. O limiar de categorização emocional também foi

submetido a uma ANOVA de dois fatores de medidas repetidas (objetificação e não-objetificação; alegria e raiva) e a testes t de amostras independentes (gênero como variável de agrupamento) e de amostras pareadas. As análises estatísticas foram realizadas com o auxílio do programa Jamovi.

3. Resultados

3.1. Orientação à Dominância Social e Sexismo Ambivalente

A análise da versão reduzida da Escala de Orientação à Dominância Social (SDO-7) indicou um escore médio para a dimensão Dominância igual a 2,00 (DP = 0,87) e mediana igual a 1,88. Por sua vez, na dimensão Anti-Igualitarismo, observou-se um escore médio igual a 2,16 (DP = 1,50) e mediana igual a 1,50. Esses escores revelam que a amostra, em geral, não endossa o desenvolvimento e a manutenção de hierarquias sociais. Os escores foram separados em função do gênero dos participantes e realizou-se testes t para amostras independentes, os quais não revelaram diferenças significativas tanto na dimensão Dominância ($t_{28} = -0,677$, $p = 0,504$) quanto na dimensão Anti-Igualitarismo ($t_{28} = -1,852$, $p = 0,075$).

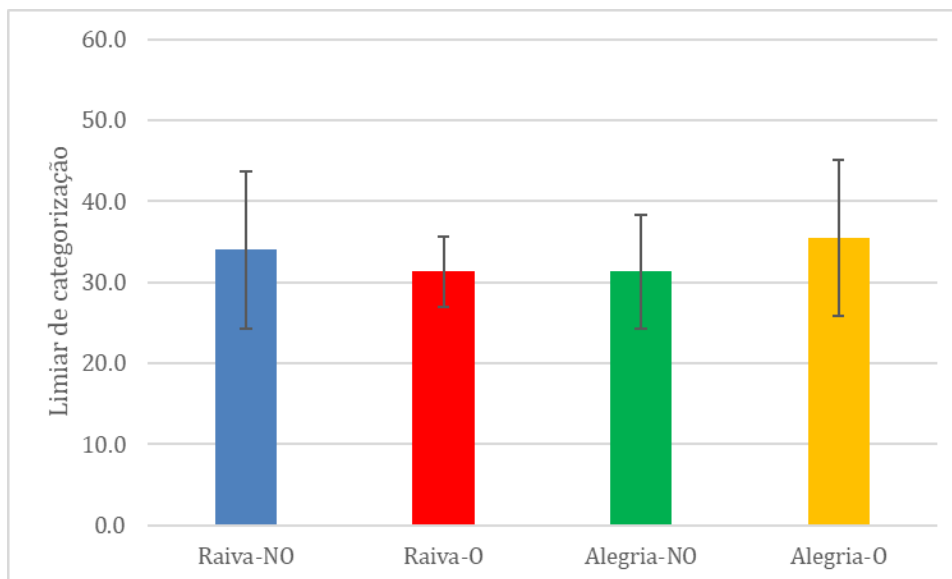
Em relação à Escala de Sexismo Ambivalente, observou-se um escore médio de 22,2 (DP = 8,46, mediana = 21) na dimensão Sexismo Benevolente e um escore médio igual a 16,2 (DP = 4,73, mediana = 15) na dimensão Sexismo Hostil. Esses resultados indicam baixa concordância com a associação entre sexo e determinados papéis sociais. Nota-se, entretanto, maior escore médio na dimensão Sexismo Benevolente, que é uma postura estereotipada mais sutil, ainda assim negativa, em relação às mulheres. Também foram realizados testes t para amostras independentes, que não revelaram diferenças significativas entre homens e mulheres na dimensão Sexismo Benevolente ($t_{31} = 0,123$, $p = 0,903$) e na dimensão Sexismo Hostil ($t_{31} = -0,740$, $p = 0,465$).

Análises de correlação de Pearson entre as dimensões dos dois instrumentos mostrou uma correlação positiva e significativa do Sexismo Hostil com o Sexismo Benevolente ($r = 0,742$; $p < 0,001$) e com a Dominância ($r = 0,443$; $p = 0,011$). As correlações entre as demais variáveis não foram estatisticamente significativas (Sexismo Hostil e Anti-Igualitarismo, $p = 0,337$; Sexismo Benevolente e Dominância, $p = 0,202$; Sexismo Benevolente e Anti-Igualitarismo, $p = 0,389$; e Dominância e Anti-Igualitarismo, $p = 0,401$).

Por fim, não foi possível fazer comparações da orientação à dominância social e do sexismo ambivalente com o posicionamento político, pois apenas dois participantes se classificaram como conservadores.

3.2. Limiar de Categorização Emocional

Os limiares de categorização emocional para as quatro condições experimentais (Raiva-Não Objetificação; Raiva-Objetificação; Alegria-Não Objetificação; e Alegria-Objetificação) foram calculados a partir do julgamento da presença ou não de emoção nas imagens apresentadas. O valor médio e o desvio-padrão do limiar para cada condição são apresentados na Figura 2. O maior limiar de categorização foi observado na condição Alegria-Objetificação ($M = 35,5$; $DP = 9,65$) e o menor limiar foi observado nas condições Raiva-Objetificação ($M = 31,1$; $DP = 4,37$) e Alegria-Não Objetificação ($M = 31,1$; $DP = 7,05$). Esperava-se um limiar mais próximo de 50 (ponto médio dos níveis de morphing) e maiores limiares nas condições de Objetificação em comparação com as condições de Não Objetificação. Assim, os resultados sugerem que, nas quatro condições experimentais, os participantes perceberam as emoções de Raiva e de Alegria antes que a emoção estivesse bem definida (acima do nível 50% de morphing). Além disso, os participantes precisaram de menos informações para identificar a emoção de Raiva na condição de Objetificação em comparação com a condição Não Objetificação, o que é o oposto do esperado. Por outro lado, conforme a previsão, para a emoção Alegria, os participantes tiveram maior dificuldade para identificar a emoção na condição Objetificação em comparação com a condição Não Objetificação.

Figura 2*Limiars de Categorização Emocional em Função da Condição Experimental*

Nota: NO = Não Objetificação. O = Objetificação. A barra de erros refere-se ao desvio-padrão.

Para verificar se havia diferença estatisticamente significativa entre as quatro condições, os dados foram submetidos a uma ANOVA com dois fatores de medidas repetidas (objetificação e não-objetificação; alegria e raiva). A ANOVA não revelou diferenças estatisticamente significativas nos limiars em função da presença ou não de objetificação ($F_{1,64} = 0,0437$; $p = 0,854$) e do tipo de emoção ($F_{1,64} = 0,3010$; $p = 0,638$). No entanto, houve interação significativa entre os fatores ($F_{1,64} = 29,0870$; $p = 0,033$). Para explorar melhor essa influência entre as variáveis, os limiars foram submetidos a testes t para amostras emparelhadas. A análise revelou diferenças estatisticamente significativas entre as condições Raiva-Objetificação e Raiva-Não Objetificação ($t_{32} = 2,800$; $p = 0,031$); Alegria-Objetificação e Alegria-Não Objetificação ($t_{32} = 2,253$; $p = 0,040$); e Raiva-Objetificação e Alegria-Objetificação ($t_{32} = -2,792$; $p = 0,038$). Não foi observada diferença significativa entre as condições Raiva-Não Objetificação e Alegria- Não Objetificação ($t_{32} = -0,573$; $p = 0,579$).

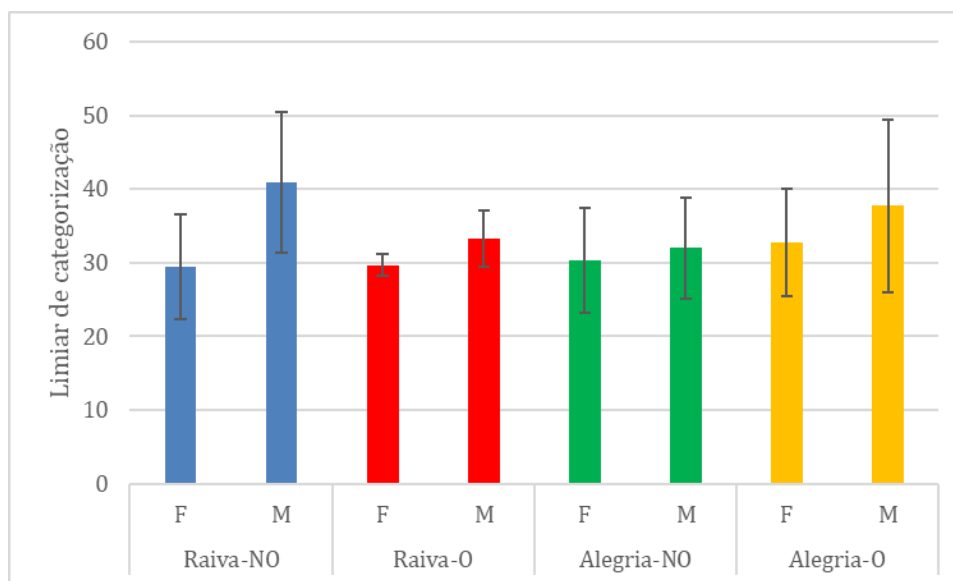
Os limiars de categorização emocional também foram submetidos a análises de correlação de Pearson com as dimensões da orientação à dominância social e do sexismo

ambivalente. Os resultados indicaram correlações positivas e significativas entre a condição Alegria-Não Objetificação com a dimensão Dominância ($r = 0,539$; $p = 0,031$) e com a dimensão Sexismo Benevolente ($r = 0,471$; $p = 0,048$). Também foi observada uma correlação positiva e significativa entre a condição Alegria-Objetificação e a dimensão Anti-Igualitarismo ($r = 0,640$; $p = 0,006$). As demais relações entre os limiares de categorização nas condições experimentais e as dimensões de orientação à dominância social e de sexismo ambivalente não foram estatisticamente significativas ($p > 0,05$).

Por fim, verificou-se o papel do gênero sobre os limiares de categorização emocional (ver Figura 3). Observa-se que, em todas as condições experimentais, os homens apresentam limiares mais altos, ou seja, têm maior dificuldade para identificar as emoções nas imagens apresentadas. Os limiares para cada condição foram submetidos a testes t para amostras independentes, com o gênero como variável de agrupamento. Os resultados indicaram que os limiares de categorização emocional foram estatisticamente diferentes entre homens e mulheres na condição Raiva-Não Objetificação ($t_{32} = -2,664$; $p = 0,019$), com os homens apresentando maior dificuldade para identificar a raiva ($M = 40,9$; $DP = 9,48$) em comparação com as mulheres ($M = 29,5$; $DP = 7,12$). As outras comparações não foram estatisticamente significativas ($p > 0,05$).

Figura 3

Limiares de Categorização Emocional em Função da Condição Experimental e do Gênero



Nota: NO = Não Objetificação. O = Objetificação. F = Feminino; M = Masculino. A barra de erros refere-se ao desvio-padrão.

4. Discussão

O objetivo desta pesquisa foi investigar o reconhecimento de expressões emocionais em imagens com mulheres representadas de forma objetificada e não-objetificada, bem como a sua relação com medidas explícitas de preconceito de gênero e hierarquização entre grupos. Uma das hipóteses deste estudo foi a de que o limiar de categorização emocional seria maior na condição Objetificação em comparação com a condição Não-Objetificação. Os resultados corroboraram a hipótese para a emoção Alegria, mas não para a emoção Raiva. Além disso, esperava-se que o limiar de categorização fosse maior para os participantes com maiores escores nas escalas de sexismo ambivalente e de orientação à dominância social. Os resultados mostraram que os participantes com maiores limiares de categorização também apresentaram maiores escores para a dimensão Dominância da escala de orientação à dominância social e para a dimensão de Sexismo Benevolente, ambas na condição Alegria-Não Objetificação; e para a dimensão Anti-Igualitarismo na condição Alegria-Objetificação.

Os dados da Escala de Sexismo Ambivalente evidenciaram uma baixa concordância da amostra com a associação entre sexo e os papéis sociais. Entretanto, nas duas dimensões da escala, os resultados indicaram maior escore médio do Sexismo Benevolente. Em relação à dimensão do Sexismo Hostil, o Sexismo Benevolente está relacionado com a perpetuação da inferioridade da mulher, da sua necessidade de proteção e reforça os papéis de gênero (Bareket & Fiske, 2023), mas se mascara como uma forma positiva e não preconceituosa contra as mulheres (Formiga, 2002).

Os resultados dessa escala também não demonstraram diferenças significativas entre homens e mulheres, o que destoa dos achados de Formiga (2002), em que os homens apresentaram maior escore no Sexismo Hostil e as mulheres no Sexismo Benevolente. Uma possível explicação é a da internalização dos estereótipos tanto por parte das mulheres como dos homens (Agueli et al., 2024; Harsey & Zurbriggen, 2021; Rollero et al., 2021). Além disso,

pode-se pensar que, nos últimos vinte anos, houve mudanças sociais que podem ter reduzido o sexismo, o que a experiência cotidiana mostra ser improvável, ou que sua manifestação seja mais sutil e o instrumento utilizado não se mostre mais sensível para capturar essas diferenças.

Com relação à Escala de Orientação à Dominância Social, a amostra não se mostrou defensora do desenvolvimento e da manutenção de hierarquias sociais, revelando escores médios mais baixos para Dominância e para Anti-igualitarismo em comparação com o estudo de validade da escala SDO-7 (Vilanova et al., 2022). Também não foram observadas diferenças nos escores dessa escala, em função do sexo dos participantes. Esses resultados podem ser explicados pela amostra ser composta por universitários que, em geral, têm maior acesso à discussão de temas sociais; e, mais especificamente, por ser composta predominantemente por pessoas que se classificam como progressistas, espectro político que defende ideais de maior igualdade entre os grupos sociais.

Conforme o esperado, os resultados indicaram uma correlação positiva e significativa entre dimensões da escala de Sexismo Ambivalente e de Orientação à Dominância Social, mais especificamente entre a dimensão de Sexismo Hostil e a dimensão de Dominância, respectivamente. Esse resultado está em consonância com os achados de Christopher e Mull (2006), que também encontraram uma associação entre a atitude mais explícita em relação aos papéis sociais que devem ser exercidos por homens e mulheres (Sexismo Hostil) e a defesa de superioridade de grupos sociais em detrimento de outros (Dominância). Esses resultados também ecoam a pesquisa de Rollero et al. (2021), na qual a Dominância foi preditora do Sexismo Hostil, o que por sua vez levou ao menor reconhecimento de comportamentos emocionais e verbalmente agressivos como atos de violência. Ou seja, não só o Sexismo Hostil, mas também a Dominância está associada à percepção de abuso emocional. Esse estudo mostra a importância desses fatores sociocognitivos na compreensão do fenômeno da desumanização das mulheres e, conseqüentemente, da violência de gênero.

Nesta mesma direção, Christopher e Mull (2006) também encontraram que o autoritarismo de direita prediz mais fortemente o sexismo benevolente do que o sexismo hostil. Ademais, ideias conservadoras atreladas às políticas de direita demonstram apoiar atitudes sexistas e favoráveis às hierarquias sociais (Mendonça, 2023). Na presente pesquisa não foi possível avaliar o papel do posicionamento político sobre o sexismo e a orientação à dominância social. Isso ocorreu, pois, em primeiro lugar, não foi utilizado um instrumento específico para esse fim (por exemplo, a Escala de Autoritarismo de Direita, Vilanova et al., 2023). E, em segundo lugar, houve um número muito pequeno de participantes que se classificaram como conservadores, impossibilitando uma comparação entre conservadores e progressistas.

A observação de correlação positiva e estatisticamente significativa entre o limiar de categorização emocional em uma das condições (Alegria-Não Objetificação) e a dimensão do Sexismo Benevolente diverge dos achados de estudos anteriores, que estabelecem uma associação forte entre o Sexismo Hostil e a objetificação sexual de mulheres. Por exemplo, Powervandari et al. (2021) demonstraram que o Sexismo Benevolente está menos associado à aceitação de mitos sobre estupro em comparação com a objetificação sexual e o Sexismo Hostil. Além disso, seus resultados apontaram que o Sexismo Benevolente não está diretamente ligado à concepção de objetificação, mas sim à ideia de proteção da mulher, baseada em estereótipos preconceituosos e na suposta superioridade do homem.

Ademais, a pesquisa de Harsey e Zurbriggen (2021) corrobora essa perspectiva, destacando o Sexismo Hostil, e não o Benevolente, como um preditor de níveis mais elevados de objetificação da mulher. De maneira semelhante, Agueli et al. (2024) revelaram que o Sexismo Hostil, em contraste com o Sexismo Benevolente, está diretamente ligado à objetificação e tem uma relação indireta com o compartilhamento não consensual de imagens íntimas, uma forma grave de violência contra a mulher. Os achados aqui descritos mostram que

o Sexismo Benevolente também modula a objetificação feminina, que é revelada por uma dificuldade de reconhecer a emoção da face de uma mulher, no caso a alegria, mesmo na condição de Não-Objetificação. Isso revela que o Sexismo Benevolente, em geral considerado menos prejudicial, tem efeitos importantes sobre o fenômeno da objetificação, não podendo ser negligenciado.

Adicionalmente, foi observada uma correlação positiva e significativa do limiar de categorização emocional (1) na condição Alegria-Objetificação com a dimensão Anti-Igualitarismo; e (2) na condição Alegria-Não Objetificação com a dimensão Dominância da orientação à dominância social. Podemos analisar esses achados a partir do estudo de Blake et al. (2018), que encontraram uma correlação positiva entre a sexualização das mulheres e as desigualdades econômicas, mas não com as desigualdades de gênero, com uma magnitude mais pronunciada em países desenvolvidos. Ou seja, uma vez que ambientes propícios à manutenção das desigualdades sociais estão correlacionados com a prevalência da sexualização feminina não é surpreendente que haja uma associação entre ideais favoráveis à hierarquia social e contrários às iniciativas de igualdade na sociedade (Dominância e Anti-Igualitarismo, respectivamente) e a dificuldade de reconhecer a emoção de alegria, independente da condição de objetificação das imagens.

Os resultados observados na tarefa de categorização emocional corroboraram parcialmente as hipóteses iniciais, pois era esperado que os limiares de categorização emocional fossem menores para as imagens na condição Não Objetificação e maiores para as imagens na condição Objetificação. Esperava-se que a dificuldade em identificar as emoções (maiores limiares) denotaria a influência da objetificação ao observar uma mulher com menos roupas (condição Objetificação). Os achados do presente estudo mostram maiores limiares na condição Objetificação para a emoção alegria, demonstrando que a objetificação influenciou no reconhecimento das emoções, provavelmente pela mudança no foco atencional do rosto para o

corpo. Esses resultados corroboram o estudo de Andrighetto et al. (2019), que investigaram a objetificação por meio da análise do foco atencional dos indivíduos em relação a alvos sexualizados e não sexualizados. Os resultados indicaram maior facilidade em identificar mudanças no corpo de alvos sexualizados e menor precisão na detecção de mudanças no rosto de alvos sexualizados.

No entanto, o padrão oposto foi observado na emoção Raiva, i.e., limiares de categorização menores na condição Objetificação e limiares maiores na condição Não Objetificada. Um estudo que pode nos ajudar a entender essa diferença dos limiares de categorização entre as emoções é o de Barros et al. (2023). Os autores encontraram diferenças importantes no reconhecimento de faces para as emoções de raiva e de alegria. Seus resultados sugerem que o reconhecimento da raiva, em termos de acurácia e rapidez (tempo de resposta), é melhor em baixas intensidades (i.e., 10% e 20% nos níveis de morphing). Em contraste, a partir do ponto médio (nível de 50% no nível de morphing), o reconhecimento das faces com expressão de alegria ocorre mais rapidamente em comparação com as faces com expressão de raiva. No presente estudo, o contínuo dos níveis de morphing começou em 30%, provavelmente dificultando o reconhecimento da raiva, independentemente da condição de objetificação.

Outra explicação alternativa para esses resultados é a seleção das imagens para a construção do contínuo de emoções com a técnica de morphing. O banco de imagens de Ruzzante et al. (2022) tem dois níveis de intensidade emocional (baixo e alto). Por exemplo, na emoção Alegria, para o nível baixo de intensidade emocional, as modelos apresentam um sorriso, porém sem mostrar os dentes. Já para o nível alto de intensidade emocional, os dentes são apresentados no sorriso. Para a construção das imagens, utilizou-se o nível baixo de intensidade emocional de Alegria, pois a presença dos dentes impõe desafios para a técnica de morphing (e.g., faces finais com a aparência de uma “caveira”). Por outro lado, utilizou-se o nível alto de intensidade emocional de Raiva. Assim, para cada emoção tem-se imagens com

intensidades emocionais distintas, o que pode ter produzido esse padrão oposto nos limiares de categorização.

Os dados do presente estudo também mostraram que o sexo dos participantes afetou o limiar de categorização, i.e., os homens demonstraram maior dificuldade na identificação das emoções (limiares mais altos) em relação às mulheres, com diferença significativa na condição Raiva-Não Objetificação. Muitos estudos sugerem uma superioridade das mulheres no reconhecimento de expressões emocionais tanto em acurácia quanto em rapidez, o que é observado independentemente da idade, mesmo que a vantagem diminua com o passar do tempo (Olderbak et al., 2019) e mesmo em rostos artificiais gerados computacionalmente (Sarauskyte et al., 2022). No entanto, a dificuldade dos homens para reconhecer as emoções também pode estar relacionada a um processo de desumanização das mulheres, resultando em sua objetificação (Bernard et al., 2020; Chevallereau et al., 2021).

Dentre as limitações do presente estudo, destaca-se a homogeneidade da amostra de estudantes universitários. Assim, sugere-se que pesquisas futuras sobre o tema selecionem uma amostra mais diversificada, principalmente em termos de posicionamento no espectro político e atitudes em relação às mulheres. Nessa direção, também é importante ampliar a amostra em termos de gênero, para além de um padrão binário (homens e mulheres), e investigar como o processo de objetificação ocorre em pessoas que não se enquadram nesse padrão (Pecini et al., 2023).

Com relação aos estímulos utilizados, é importante investigar a objetificação existente em mulheres de outras raças e etnias, já que as imagens utilizadas foram constituídas por mulheres brancas europeias. Como os participantes detectaram as emoções antes do ponto médio do contínuo de morphing (nível de 50%), ou seja, antes que as emoções começassem a se tornar mais bem definidas, sugere-se que pesquisas futuras utilizem um espaçamento maior entre os níveis de morphing (e.g., 10%), aumentando a amplitude entre o nível inferior e o nível

superior (e.g., 10% a 90%), semelhante ao utilizado por Barros et al. (2023). Além disso, sugere-se a utilização de tempos de apresentação menores, pois há evidências de que a detecção e o reconhecimento de emoções ocorrem em tempos bem inferiores aos utilizados no presente estudo (250 ms) (Jacques & Caharel, 2022).

Por fim, este estudo é importante por sua contribuição metodológica inovadora, pois meio de não foram encontrados estudos que construíram níveis de intensidade emocional com a técnica de morphing a partir do banco de imagens SOBEM. Ademais, ressalta-se sua relevância teórica por sua contribuição no entendimento do reconhecimento de emoções em mulheres objetificadas e não-objetificadas, bem como sua relação com o sexismo e a orientação à dominância social no contexto brasileiro. Em vista disso, compreender os mecanismos subjacentes e que modulam a objetificação sexual podem inspirar o desenvolvimento de políticas públicas e ações com caráter preventivo e interventivo sobre as diversas formas de violência e de desigualdade de gênero.

5. Referências

- Agueli, B., Esposito, C., Arcidiacono, C., & Di Napoli, I. (2024). Women as bodies. The role of ambivalent sexism and sexual objectification on non-consensual sharing of sexting images. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 34(1), Article e2749. <https://doi.org/10.1002/casp.2749>.
- Andrighetto, L., Bracco, F., Chiorri, C., Masini, M., Passarelli, M., & Piccinno, T. F. (2019). Now you see me, now you don't: Detecting sexual objectification through a change blindness paradigm. *Cognitive Processing*, 20, 419–429. <https://doi.org/10.1007/s10339-019-00927-w>
- Bareket, O., & Fiske, S. T. (2023). A systematic review of the ambivalent sexism literature: Hostile sexism protects men's power; benevolent sexism guards traditional gender roles. *Psychological Bulletin*, 149(11-12), 637–698. <https://doi.org/10.1037/bul0000400>
- Barros, F., Soares, S. C., Rocha, M., Bem-Haja, P., Silva, S., & Lundqvist, D. (2023). The angry versus happy recognition advantage: the role of emotional and physical properties. *Psychological research*, 87(1), 108–123. <https://doi.org/10.1007/s00426-022-01648-0>
- Bernard, P., Cogoni, C., & Carnaghi, A. (2020). The Sexualization–Objectification Link: Sexualization Affects the Way People See and Feel Toward Others. *Current Directions in Psychological Science*, 29(2), 134-139. <https://doi.org/10.1177/0963721419898187>
- Blake, K. R., Bastian, B., Denson, T. F., Grosjean, P., & Brooks, R. C. (2018). Income inequality not gender inequality positively covaries with female sexualization on social media. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, 115(35), 8722–8727. <https://doi.org/10.1073/pnas.1717959115>
- Cardoso, V. G. (2019). *Discursos sobre a construção corporal da mulher em livros didáticos do ensino fundamental* [Dissertação Mestrado em Educação, Universidade Federal de Goiás].
- Carvalho, P. D. S. (2017). *Humanize: uma campanha contra a objetificação feminina*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Comunicação Visual Design da Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro].
- Chevallereau, T., Maurage, P., Stinglhamber, F., & Demoulin, S. (2021). Sex-based and beauty-based objectification: Metadehumanization and emotional consequences among victims. *The British journal of social psychology*, 60(4), 1218–1240. <https://doi.org/10.1111/bjso.12446>

- Christopher, A. N., & Mull, M. S. (2006). Conservative Ideology and Ambivalent Sexism. *Psychology of Women Quarterly*, 30(2), 223–230. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.2006.00284.x>
- Connor, R. A., & Fiske, S. T. (2019). Not Minding the Gap: How hostile sexism encourages choice explanations for the Gender Income Gap. *Psychology of Women Quarterly*, 43(1), 22–36. <https://doi.org/10.1177/0361684318815468>
- Formiga, N. S., Gouveia, V. V., & Santos, M. N. (2002). Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero. *Psicologia Em Estudo*, 7(1), 103–111. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722002000100013>
- Fredrickson, B. L., & Roberts, T. (1997). Objectification Theory: Toward Understanding Women's Lived Experiences and Mental Health Risks. *Psychology of Women Quarterly*, 21, 173–206. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1997.tb00108.x>
- Glick, P., & Fiske, S. (2001). An ambivalent alliance: Hostile and benevolent sexism as complementary justifications for gender inequality. *American Psychologist*, 56, 109–118. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.56.2.109>
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(3), 491–512. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.491>
- Jacques, C., & Caharel, S. (2022). The time course of categorical perception of facial expressions. *Neuropsychologia*, 177, 108424. <https://doi.org/10.1016/j.neuropsychologia.2022.108424>
- Harsey, S. J., & Zurbriggen, E. L. (2021). Men and women's self-objectification, objectification of women, and sexist beliefs. *Self and Identity*, 20(7), 861–868. <https://doi.org/10.1080/15298868.2020.1784263>
- Haslam N. (2022). Dehumanization and the lack of social connection. *Current opinion in psychology*, 43, 312–316. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2021.08.013>
- Heflick, N. A., Goldenberg, J. L., Cooper, D. P., & Puvia, E. (2011). From women to objects: Appearance focus, target gender, and perceptions of warmth, morality and competence. *Journal of Experimental Social Psychology*, 47(3), 572–581. <https://doi.org/10.1016/j.jesp.2010.12.020>
- Lei nº 14.611 de 3 de julho de 2023. (2023). *Dispõe sobre a igualdade salarial e de critérios remuneratórios entre mulheres e homens; e altera a Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943*. Diário Oficial da União.
- Lima, M. E. O. (2020). *Psicologia social do preconceito e do racismo*. Editora Blucher.

- Lopes, D. D., Nascimento, C. G., & Coletta, E. D. et al. (2018). Percepção, atitude social e formação de atitude. In Lopes, D. D., Nascimento, C. G., & Coletta, E. D. et al. *Psicologia social* (pp. 41-54). SAGAH. <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788595025240>
- Loughnan, S., Haslam, N., Murnane, T., Vaes, J., Reynolds, C., & Suitner, C. (2010). Objectification leads to depersonalization: The denial of mind and moral concern to objectified others. *European Journal of Social Psychology*, 40(5), 709–717.
- Loureiro, C. P. (2014). *Corpo, beleza e auto-objetificação feminina*. [Dissertação de Mestrado em Psicologia, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo].
- Mendonça, G. B. R. C. (2023). *O papel mediador da orientação à dominância social na relação entre identidade política e sexismo*. [Iniciação Científica em Psicologia, Centro Universitário de Brasília]. <https://doi.org/10.5102/pic.n0.2022.9490>
- Melo, G., Giavoni, A., & Troccoli, B. T. (2004). Estereótipo de gênero aplicados a mulheres atletas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(3), 251-256. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722004000300006>
- Olderbak, S., Wilhelm, O., Hildebrandt, A., & Quoidbach, J. (2019). Sex differences in facial emotion perception ability across the lifespan. *Cognition & Emotion*, 33(3), 579–588. <https://doi.org/10.1080/02699931.2018.1454403>
- Oliveira, I. R. S., Rocha, L. L. S., Santos, V. E. S., Avelino, L. F. L., & Targino, G. C. (2020). O simulacro da masculinidade como arquétipo cultural da objetificação do corpo feminino: da virilidade ao estupro. *Revista Brasileira de Direito e Gestão Pública*, 8(2), 332-344. <https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/RDGP/article/view/7905>
- Over, H., & Cook, R. (2022). Perceptual dehumanization theory: A critique. *Psychological review*, Advance online publication. <https://doi.org/10.1037/rev0000388>
- Pecini, C., Guizzo, F., Bonache, H., Borges-Castells, N., Morera, M. D., & Vaes, J. (2023). Sexual objectification: advancements and avenues for future research. *Current Opinion in Behavioral Sciences*, 50. <https://doi.org/10.1016/j.cobeha.2023.101261>
- Peirce, J. W., Gray, J. R., Simpson, S., MacAskill, M. R., Höchenberger, R., Sogo, H., Kastman, E., Lindeløv, J. (2019). PsychoPy2: experiments in behavior made easy. *Behavior Research Methods*. <https://doi.org/10.3758/s13428-018-01193-y>
- Peixoto, A. F., & Nobre, B. P. R. (2015). A responsabilização da mulher vítima de estupro. *Revista Transgressões, ciências criminais em debate*, 3(1), 227-239. <https://periodicos.ufrn.br/transgressoes/article/view/7203>

- Poerwandari, E.K., Utami, C.P. & Primasari, I. (2021). Ambivalent sexism and sexual objectification of women as predictors of rape myth acceptance among male college students in Greater Jakarta. *Current Psychology*, 40, 5909–5918. <https://doi.org/10.1007/s12144-019-00500-w>
- Pratto, F., Sidanius, J., Stallworth, L. M., & Malle, B. F. (1994). Social dominance orientation: A personality variable predicting social and political attitudes. *Journal of Personality and Social Psychology* 67(4), 741-763. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.67.4.741>
- Rios, K., Sosa, N., & Osborn, H. (2018). An experimental approach to Intergroup Threat Theory: Manipulations, moderators, and consequences of realistic vs. symbolic threat. *European Review of Social Psychology*, 29(1), 212-255, <https://doi.org/10.1080/10463283.2018.1537049>.
- Rollero, C., Bergagna, E., & Tartaglia, S. (2021). What is Violence? The Role of Sexism and Social Dominance Orientation in Recognizing Violence Against Women. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(21-22), NP11349-NP11366. <https://doi.org/10.1177/0886260519888525>.
- Ruzzante, D., Monachesi, B., Orabona, N., & Vaes, J. (2022). The Sexual OBJECTification and EMotion database: A free stimulus set and norming data of sexually objectified and non-objectified female targets expressing multiple emotions. *Behavior research methods*, 54(2), 541–555. <https://doi.org/10.3758/s13428-021-01640-3>
- Saraskyte, L., Monciunskaitė, R., & Griksienė, R. (2022). The role of sex and emotion on emotion perception in artificial faces: An ERP study. *Brain and cognition*, 159, 105860. <https://doi.org/10.1016/j.bandc.2022.105860>
- Schaefer, L. M., Burke, N. L., Calogero, R. M., Menzel, J. E., Krawczyk, R., & Thompson, J. K. (2018). Self-objectification, body shame, and disordered eating: Testing a core mediational model of objectification theory among White, Black and Hispanic women. *Body Image*, 24, 5-12. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2017.10.005>
- Tajfel, H. & Turner, J. C. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In W. G. Austin & S. Worchel (Eds.). *The social psychology of intergroup relations*. Brooks-Cole.
- Vilanova, F., Almeida-Segundo, D. S. de., Duarte, M. de Q., & Costa, Â. B. (2022). Evidências de Validade da Escala de Orientação à Dominância Social no Brasil. *Psico-USF*, 27(3), 437–449. <https://doi.org/10.1590/1413-82712024270303>
- Vilanova, F., Milfont, T. L., & Costa, A. B. (2023). Short version of the right-wing authoritarianism scale for the Brazilian context. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 36, 17. <https://doi.org/10.1186/s41155-023-00260-4>